

BALZAC, Honoré. A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada, v. 1. São Paulo: Editora Globo. 2012.

Uma leitura do conto “A missa do ateu” de Honoré Balzac
Resenha de Thiago Hot Pereira de Faria

Honoré de Balzac nasceu no ano de 1799 e faleceu em 1850, foi um dos grandes nomes da literatura francesa, é considerado o pai do realismo na literatura moderna. Com uma obra bastante vasta, Balzac muitas vezes produzia seus contos para saldar as dívidas nas quais estava constantemente imerso. Filho de uma família que conquistou respeito da sociedade e que tinha condições de custear seu ensino, Balzac passou seus primeiros anos de vida com uma ama de leite e sua irmã, fora do seio familiar, como ainda era costume nas classes mais abastadas da Europa.

Seu estudo se deu inicialmente em uma tradicional escola em Vendôme, e ao mudar-se para Paris, teve professores particulares e posteriormente ingressou na Sorbone. Seguindo os conselhos do pai, empenhou-se em um estágio na área de direito, porém, descontente com essa realidade e com um tipo de trabalho repetitivo manifestou sua aspiração pela escrita.

No campo da literatura sua obra mais vultuosa é “A comédia humana”, composta por histórias que buscavam retratar, das mais diversas formas, todos os aspectos da sociedade francesa. As narrativas balzaquianas de “A comédia humana” são normalmente repletas de detalhes realísticos que compõem as cenas em detalhes minuciosos. É notória a preocupação do autor em retratar uma história que também traga detalhamentos históricos e culturais em sua contextualização, dando ao leitor melhor capacidade para refletir criticamente.

“A comédia humana” é comumente apresentada com subdivisões, sendo elas: cenas da vida privada; cenas da vida provinciana; cenas da vida parisiense; cenas da

vida política; cenas da vida militar; cenas da vida rural; além dos estudos filosóficos e estudos analíticos.

O texto “A missa do ateu” foi publicado inicialmente nos “Estudos filosóficos”, em uma edição posterior foi publicado nas “cenas da vida parisiense” e ainda mais tarde foi inserido nas “cenas da vida privada”. É uma narrativa produzida em apenas uma noite, que, apesar de ter uma pequena extensão, sua história possui uma riqueza imensa, seus personagens, apesar de aparecerem em outros momentos de “A comédia humana”, a história pode ser compreendida independentemente, e desperta grande fascínio e reflexões, e segundo a crítica “é um dos contos mais perfeitos e mais sugestivos de Balzac.” (BALZAC, 2012, p. 300).

Nesta história são apresentados dois personagens principais, Desplein, um renomado cirurgião, e Bianchon, aluno de Desplein no hospital, homem muito pobre, porém muito honrado, incapaz de desviar-se da moral, muito valorizado por seus amigos.

Desplein era um homem muito sábio no campo da cirurgia e da medicina em geral, um grande gênio de sua área e um homem incapaz de acreditar em algo que não pudesse ser provado. Aquilo que não fosse possível dizer pela ciência Desplein desacreditava, dessa forma era um ateu convicto, ainda mais por, em sua profissão, não ter encontrado a alma tão cara aos religiosos.

Não vivia na dúvida, afirmava. Seu ateísmo puro e franco assemelhava-se ao de muitos outros sábios, as melhores criaturas do mundo, mas, invencivelmente ateus, ateus como as pessoas religiosas não admitem que possa havê-los. Esta opinião era natural num homem habituado desde a mocidade a dissecar o ser por excelência, antes, durante e depois da vida, a sondar-lhe todos os órgãos sem neles encontrar essa alma única, tão necessária às teorias religiosas. (BALZAC, 2012, p. 303).

Horácio Bianchon se tornou protegido de Desplein, isso se deu em virtude, desse chefe da clínica, ter tomado ciência das qualidades de Bianchon, dessa forma pode formar uma clientela rica que lhe deu melhores condições de viver. Essa proximidade entre os dois fez com que, apesar das distintas realidades, fossem bastante íntimos.

Bianchon, em certa ocasião, observa Desplein entrar em uma igreja e assistir toda uma missa, inclusive dando dízimo para igreja e aos pobres. Esse fato desperta a atenção e a curiosidade do jovem médico, pois apesar de não encontrar razões para Desplein assistir uma missa fica intrigado com a seriedade que o mesmo se posta durante a celebração.

“Certamente ele não veio cá para esclarecer as questões relativas ao parto da Virgem”, dizia consigo Bianchon, cujo espanto não teve limites. “Se eu o visse segurando um dos cordões do púlpito na procissão de Corpus Christi, a coisa seria apenas para rir; mas, a esta hora, sozinho, sem testemunhas, não há dúvida de que isso dá que pensar!” (BALZAC, 2012, p. 307)

No mesmo dia que Bianchon o vê na missa, conversa com Desplein sobre ela e a Igreja e ambos tecem várias críticas à Igreja Romana. Nesse ponto é possível perceber que Balzac demonstra de forma clara a imposição do catolicismo europeu e vários mecanismos que a igreja criou para se instaurar de forma poderosa.

A igreja aparece nesse momento sendo retratada como causadora de inúmeras mortes “Quantas torrentes de sangue não foi preciso derramar para instituir a festa de Corpus Christi” (BALZAC, 2012, p. 307), e compara tal derramamento de sangue inclusive com aqueles causados nas investidas napoleônicas que Balzac conheceu bem de perto, “(...) custou mais sangue à cristandade que todas as batalhas de Napoleão e todas as sanguessugas de Broussais!” (BALZAC, 2012, p. 307)

Com tantas críticas traçadas à religião, Bianchon achou muito estranho ter visto seu mestre na missa, mas no passar do tempo descobriu que ele ia às missas quatro vezes ao ano, missas essas feitas a seu pedido.

Apenas sete anos depois dessas primeiras descobertas foi que Bianchon encontra oportunidade de conversar sobre o tema com Desplein. Para ilustrar a época, Balzac cita ser após a revolução de 1830, momento este que vários movimentos revolucionários abalaram os costumes tradicionais europeus e foram marcados por ideias nacionalistas e liberais, descontentamento do proletariado e crises econômicas.

Ao ser inquirido sobre o que fazia na missa o médico responde sem titubear: “— Faço como muitos devotos, homens profundamente religiosos na aparência, mas tão ateus como podemos ser eu e você” mostrando uma hipocrisia presente em muitos religiosos. Porém, a conversa prossegue e o grande médico Desplein conta a seu antigo

aluno que no início de sua carreira, passou por vários sofrimentos como fome, sede, falta de dinheiro e roupas, tudo que a miséria tem de mais rude, e que não tinha condições financeiras de custear seu curso de medicina.

Nesse contexto de misérias, ele enfrentara todo o sofrimento para um dia, depois de muitos estudos, conquistar maior valor pessoal. O médico disse ainda que tal situação de pobreza o excluía ainda das possibilidades de fazer amigos, pois para tal era preciso gastar com saídas e bebidas.

Nesta conversa Balzac apresenta de forma clara a dificuldade de mudar de *status* social naquela época, e que aqueles que já nasciam ricos sequer tinham noção – ou não queriam ter – das dificuldades enfrentadas pelos mais pobres. Esse estilo de vida contribuiu para o médico ser ríspido e alheio aos círculos de amizade, dizendo ainda que a realidade do mundo é cruel e que as pessoas ainda desejam o mal daqueles que almejam melhores condições de vida:

Em Paris, quando certa gente nos vê prontos a pôr o pé no estribo, uns nos puxam pela aba do casaco, outros afrouxam a barrigueira, para que quebrems a cabeça ao cair; este arranca as ferraduras do cavalo, aquele nos rouba o chicote; o menos pérfido é aquele que fica à nossa espera para dar-nos um tiro à queima roupa. (BALZAC, 2012, p. 311)

Dessa forma, Desplein apresenta de maneira ainda mais enfática sua descrença em Deus, e acrescenta sua descrença nos homens: “Por isso, meu caro, se não creio em Deus, muito menos nos homens.” (BALZAC, 2012, p. 311).

Apesar da descrença também nos homens, Desplein conta que conheceu um carregador de água chamado Bourgeat, que era seu vizinho nos tempos de miséria e que este apesar de também ser bastante pobre pôde lhe ajudar financeiramente para prosseguir em seus estudos. Bourgeat, porém, diferente do médico, era um homem muito religioso que frequentava as missas com constância.

Quando esse homem que o ajudou morre, Desplein pensa numa forma de retribuir o que ele fez e ao investigar percebe que o que ele tinha de mais valioso era sua fé: “Verifiquei que ele não tinha família, nem amigos, nem esposa, nem filhos. Mas tinha fé!”. Foi exatamente em virtude dessa fé que o ajudou. Desplein, mandava rezar para ele quatro missas por ano, no início de cada estação e acompanhava

as missas, fazia as orações, pedindo inclusive caso existisse mesmo Deus e um paraíso que levasse para o paraíso quanto antes seu amigo Bourgeat.

Neste texto pode-se perceber um retrato de uma França que passou recentemente pelas Revoluções Industrial e política, isto é, a Revolução Francesa, e que apresenta uma sociedade muito dividida em classes, percebe-se que os ricos eram praticamente os únicos capazes de ter sucesso na vida.

Em “A missa do ateu” Balzac narra a dificuldade de um homem pobre e humilde em conseguir mudar de condição econômica, social e cultural. Apesar de ter como personagem principal um médico, dedicado a ciência e convictamente ateu, Balzac relaciona certo “esforço divino” para ser possível a mudança de classe social no contexto em que a história é narrada. Apesar de mostrar também um conflito entre fé e ciência, trata ambas perspectivas de forma bastante respeitosa e imparcial, dando ao leitor a capacidade de construir seus próprios juízos.

BALZAC, Honoré. **A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada, v. 1.** São Paulo: Editora Globo. 2012.

BALZAC, Honoré. **A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada, v. 4.** São Paulo: Editora Globo. 2012.